

CAFÉS & LENDAS



TRAVIS BALDREE

CAFÉS
&
TENDAS

TRAVIS
BALDREE

TRADUÇÃO DE FLORA PINHEIRO



Copyright © 2022 by Travis Baldree

Publicado originalmente em 2022 por Cyptid Press e Tor, um selo da Pan Macmillan.

TÍTULO ORIGINAL

Legends & Lattes

PREPARAÇÃO

João Rodrigues

REVISÃO

Giu Alonso

IMAGENS DE MIOLO

Carson Lowmiller e © Shutterstock / Alexander_P, ArtMari, AVA Bitter, Babich Alexander, Bodor Tivadar, Croisy, mBelniak, Nikita Konashenkov, Ovchinnkov Vladimir, Sketch Master, Sonya illustration, StockNick, Vectorgoods studio, Vlada Young, Yevheniia Lytvynovych e zotovstock

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA

Peter Lutjen

ARTE DE CAPA

Carson Lowmiller

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

B15c

Baldree, Travis, 1977-

Cafés & lendas / Travis Baldree ; tradução Flora Pinheiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.
336 p. ; 21 cm.

Tradução de: Legends & lattes

ISBN 978-85-510-0682-5

1. Ficção americana. I. Pinheiro, Flora. II. Título.

24-87626

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para quem já se perguntou para
onde o outro caminho levava...*

PRÓLOGO



Com um ruído de carne e osso sendo rasgados, Viv enterrou a espada de duas mãos no crânio da Scalvert. A Sangue-Preto vibrou em suas palmas, e os braços musculosos da orc protestaram quando puxou a lâmina de volta, liberando um jorro de sangue. A Rainha Scalvert soltou um gemido longo e trêmulo... e então desabou com um estrondo sobre uma pilha de pedras.

Suspirando, Viv caiu de joelhos. A dor persistente em sua lombar se intensificou, e ela massageou a região com a mão enorme para aliviar a sensação. Depois de enxugar o suor e o sangue do rosto, olhou para a rainha morta. Uma comemoração barulhenta ecoava às suas costas.

Viv inclinou-se para mais perto. Ali estava o que ela buscava, logo acima do nariz. O rosto da fera tinha o dobro da largura do corpo, repleto de dentes em lugares improváveis e inúmeros olhos, com uma mandíbula enorme e protuberante — e, no meio, ficava a emenda na carne a respeito da qual Viv havia lido.

Enfiando os dedos na dobra da pele, ela a abriu. De lá, brotou uma terrível luz dourada. Viv meteu a mão inteira dentro da

rainha e segurou uma pedra orgânica e facetada. Em seguida a puxou, soltando-a da fera com um som de rasgo fibroso.

Fennus se aproximou e parou atrás dela; Viv sentia seu perfume.

— Então é isso? — perguntou ele, com pouco interesse.

— Aham.

Viv soltou um gemido ao se erguer, usando a Sangue-Preto como apoio. Sem se dar ao trabalho de limpar a pedra, enfiou-a em um bolso da bandoleira, então apoiou a espada no ombro.

— E é mesmo só isso que você quer? — perguntou Fennus, estreitando os olhos.

Ele tinha uma expressão divertida no rosto comprido e bonito. Apontou para as paredes da caverna, onde a Rainha Scalvert havia sepultado uma riqueza incalculável em camadas de saliva endurecida. Carroças, baús e ossadas de cavalos e homens pendurados em meio a ouro, prata e pedras preciosas — os tesouros dos naufragos de séculos.

— Aham — repetiu ela. — A dívida está paga.

O restante do grupo se aproximou. Roon, Taivus e a pequena Gallina trouxeram consigo a conversa cansada, mas exultante, dos vitoriosos. Roon limpava a barba com um pente, Gallina embainhava as adagas e Taivus vinha atrás, alto e com uma postura vigilante. Eles eram uma boa equipe.

Viv se virou e foi até a entrada da caverna, onde a luz fraca ainda alcançava.

— Para onde você vai? — gritou Roon, em sua voz grave e afável.

— Vou embora.

— Mas... Você não vai...? — começou Gallina.

Alguém a silenciou, provavelmente Fennus.

Viv se sentiu um pouco envergonhada. Ela adorava Gallina, era sua companheira favorita, e talvez devesse ter se explicado melhor.

Mas tinha colocado um ponto-final naquilo. Então por que prolongar as coisas? Viv definitivamente não queria falar sobre o assunto e, se dissesse algo mais, talvez mudasse de ideia.

Depois de vinte e dois anos de aventuras, Viv estava farta de sangue, lama e problemas. A vida de uma orc se resumia a força, violência e um fim rápido e súbito — mas de jeito nenhum deixaria que a dela terminasse desse jeito.

Estava na hora mudar as coisas.

1



No frio da manhã, Viv estava observando o amplo vale abaixo. A cidade de Thune erguia-se em meio a uma neblina que cobria as margens do rio que a cortava. Aqui e ali, um campanário de cobre reluzia ao sol.

Ela havia levantado acampamento antes do amanhecer e, com as pernas longas, traçou os poucos quilômetros restantes até a cidade.

A Sangue-Preto pesava em suas costas, e a Pedra Scalvert estava enfiada em um dos bolsos internos do casaco. Conseguia senti-la, como uma maçã ao mesmo tempo dura e murcha, e, por reflexo, de vez em quando tocava-a por cima do pano para se certificar de que continuava ali.

Também carregava uma sacola de couro pendurada no ombro. Lá dentro, muitos papéis cheios de anotações e esboços de plantas, alguns biscoitos de água e sal, uma bolsinha com peças de platina e várias pedras preciosas, e um dispositivo pequeno e peculiar.

Viv seguiu a estrada que descia até o vale. A névoa se dissipava devagar, e um fazendeiro solitário passou com uma carroça cheia de alfafa.

Ela sentia uma alegria crescente e um tanto nervosa, uma sensação que não lhe atravessava havia *anos*, como se fosse um grito de guerra impossível de conter. Viv nunca tinha se preparado tanto para um momento. Havia lido e questionado, pesquisado e refletido, e Thune foi o local que escolhera. Quando todas as outras cidades foram riscadas de sua lista, ela teve certeza. De repente, a convicção pareceu tola e impulsiva, mas sua empolgação estava intacta.

Thune não era cercada por muralhas. O vale havia se expandido muito além de suas antigas fronteiras fortificadas, mas Viv sentiu que se aproximava dos limites de *alguma coisa*. Fazia muito tempo desde que passara mais do que poucas noites em um único lugar — o quanto duravam seus trabalhos. Mas ela estava decidida. Iria criar raízes numa cidade que tinha visitado talvez três vezes em toda a vida.

Com cautela, parou e olhou em volta, embora a estrada estivesse totalmente vazia; o fazendeiro já havia desaparecido em meio à névoa. Pegando um pedaço de pergaminho da sacola, leu as palavras que havia copiado:

*Quase na linha táumica descansa
a Pedra Scalvert fulgurante,
sua boa fortuna é o elo
que impele os desejos do coração adiante.*

Viv voltou a guardar a anotação com cuidado. Em seguida, pegou um artefato que comprara uma semana antes, de um estudioso taumaturgo em Arvenne — um bastão de bruxa.

A vareta de madeira fora envolvida em fios de cobre que cobriam as runas inscritas ao longo da superfície. Uma forquilha de freixo tinha sido presa em uma ranhura na ponta, para que pudesse girar livremente. Ela segurou o bastão e sentiu os fios

de cobre absorverem o calor de suas palmas. O artefato deu um puxão quase imperceptível.

Pelo menos, tinha quase certeza de que se tratava de um puxão. Quando o taumaturgo demonstrou, o movimento tinha sido mais forte. Viv afastou o pensamento súbito de que tudo não havia passado de um truque. Criaturas com endereço fixo evitavam enganar orcs com o dobro de sua altura que poderiam quebrar seus ossos caso trocassem um aperto de mãos forte de mais.

Viv respirou fundo e seguiu para o vale com o bastão de bruxa empunhado.



Os ruídos dos habitantes de Thune despertando aumentaram à medida que Viv foi adentrando a cidade. Nos arredores, as construções eram, em sua maioria, de madeira, e uma ou outra com alicerces de seixos. Quanto mais entrava no vale, mais frequente era o uso de alvenaria, como se a cidade tivesse se calcificado à medida que envelhecia. O chão lamacento deu lugar a ruas de pedra e, então, perto do centro da cidade, a paralelepípedos. As praças, enfeitadas com estátuas de figuras que provavelmente já tinham sido importantes, eram cercadas por templos, bares e restaurantes.

As dúvidas sobre o bastão de bruxa haviam evaporado. Viv com certeza sentia um puxão, como se fosse algo vivo — os breves espasmos se tornaram trancos insistentes. Sua pesquisa não tinha sido em vão. Com certeza havia linhas de ley traçadas sob a cidade, canais poderosos de energia taumatúrgica. Estudiosos investigavam se elas cresciam conforme seres vivos criavam raízes ou se eram as responsáveis por atrair as criaturas para aqueles pontos, como fontes de calor no inverno. O importante para Viv era que elas estavam *lá*.

Obviamente, encontrar uma linha de ley potente era apenas o começo.

A forquilha de madeira estremeceu para um lado e para o outro, depois apenas para uma direção por um momento, e em seguida mudou de ideia e puxou para outra, como um peixe no anzol. Após um tempo, Viv não precisou mais olhar para o artefato. Senti-lo era suficiente, e assim começou a prestar mais atenção às construções pelas quais passava.

O bastão a conduziu pelas ruas principais, pelos becos sinuosos que as conectavam, passando por ferreiros, albergues, mercados e pousadas. Havia poucas criaturas de sua estatura nas ruas e elas nunca se aglomeravam ao redor da orc. A Sangue-Preto tinha esse efeito.

Passou por todos os diferentes aromas da cidade — pão no forno, cavalos acordando, pedra molhada, metal aquecido, perfume floral e cocô velho. Os mesmos cheiros de qualquer outra cidade, mas, no fundo, havia o cheiro do rio pela manhã. Às vezes, entre as construções, dava para ver as pás da roda-d'água do moinho de trigo.

Viv deixou o bastão levá-la. Algumas vezes a força era tanta que ela parava e inspecionava as construções por perto — mas, decepcionada, acabava seguindo em frente. O bastão resistia por um tempo, até que parecia desistir e encontrar uma nova direção pela qual seguir.

Por fim, quando deu um puxão especialmente forte, ela parou, meio atordoada, e encontrou o que precisava.

Não na rua Principal, porque isso seria pedir demais, mas na rua de trás. Havia lâmpíões espalhados pela via, que no momento estavam apagados, então era possível que ninguém fosse ser esfaqueado ali depois de escurecer. As construções na rua Pedra Vermelha eram antigas, mas os telhados pareciam estar em bom estado.

Com exceção de um em particular, para o qual o bastão de bruxa puxou Viv.

Considerando tudo, era um espaço pequeno. Uma placa surrada pendia do único gancho de ferro sobrevivente, com a tinta dos dizeres em relevo descascadas havia muito: ESTÁBULO DO PARKIN. Tinha dois portões de madeira grandes — do tamanho de um cavalo — e reforçados com ferro, mas estavam entreabertos, a viga mestra encostada numa parede próxima. À esquerda, uma porta menor, bem do tamanho de um orc, estava trancada com um cadeado, o que era engraçado.

Viv abaixou a cabeça e entrou para dar uma olhada. Um buraco no telhado deixava o sol penetrar no espaço, e algumas telhas de barro quebradas estavam espalhadas pelo amplo corredor que ia até as seis baias para cavalos. Uma escada de firmeza duvidosa levava a um mezanino e, à esquerda, havia um pequeno escritório com um quartinho nos fundos. Um cheiro azedo de feno mofado vinha do comedouros aos fundos. Dava para ver a poeira no ar nos feixes de luz como se nunca se assentasse.

Era tão perfeito quanto poderia esperar.

Então Viv guardou o bastão de bruxa.

Quando voltou para a rua cada vez mais movimentada, avistou uma senhora toda encarquilhada varrendo uma escadinha do outro lado da rua. Viv tinha certeza de que ela estava fazendo isso desde que havia chegado, e àquela altura o chão já estava brilhando, mas a senhora continuou a varrer com determinação, lançando a Viv um olhar disfarçado a cada dois segundos.

A orc atravessou a rua. A senhora teve a bondade de parecer surpresa, dando um sorriso que mais parecia uma careta.

— Sabe quem é o dono desse lugar? — perguntou Viv, apontando para o estábulo.

A senhorinha tinha menos da metade da altura dela e precisou levantar a cabeça para fazer contato visual. Exibia uma expressão reflexiva, e seus olhos desapareceram em meio às rugas.

— Do estábulo?

— Isso.

— Beeem... — O tom da senhora era pensativo, mas dava para ver que não havia nada de errado com sua memória. — É do velho Ansom, se bem me lembro. O homem nunca teve muita cabeça pros negócios. Nem para o casamento, pelo que a esposa dele diz.

Viv reparou no sugestivo arquear de sobrancelhas da senhora.

— Ansom? Não é do Parkin?

— Não. Ansom é mão de vaca demais e não quis mudar a placa quando comprou.

Viv deu um sorriso divertido, suas presas inferiores ficando proeminentes.

— Tem ideia de onde posso encontrá-lo? — perguntou.

— Não sei dizer. Mas acho que ele está fazendo a única coisa que faz bem — disse a senhorinha, inclinando a mão livre e levando aos lábios um copo imaginário. — Se quer mesmo encontrar o homem, vale tentar ali no Beco do Osso Descarnado. Fica a umas seis ruas pra lá.

A senhora fez um gesto indicando o caminho.

— A essa hora da manhã?

— Ah... *Esse* negócio o Ansom leva a sério.

— Obrigada, senhorita — disse Viv.

— Senhorita? — repetiu a senhora, gargalhando. — Pode me chamar de Laney. Tá planejando ser minha nova vizinha...?

Ela gesticulou, como se dissesse “me ajuda, vai!”.

— Viv.

— Viv — repetiu Laney, assentindo.

— Vamos ver — respondeu ela. — Depende se ele é um homem de negócios tão ruim quanto você diz.

A senhora ainda estava dando risada quando Viv partiu rumo ao Beco do Osso Descarnado.



Não importava o que Laney dizia, Viv não esperava encontrar o infame Ansom àquela hora do dia. Imaginou que iria perguntar por ele nas lojas que estivessem abertas e, quando descobrisse os lugares que frequentava, o encontraria mais tarde.

No fim das contas, só precisou de três paradas até encontrá-lo. A orc perguntou por ele e o atendente da taverna a olhou de cima a baixo, arqueando as sobrancelhas de forma incisiva para a Sangue-Preto às costas de Viv.

— Não quero problemas, só fazer negócios — explicou Viv, em tom calmo, tentando parecer menos assustadora.

Satisfeito por ela não estar caçando briga, o taverneiro apontou para um canto com o polegar e voltou a espalhar a sujeira do balcão para diferentes pontos novos e mais interessantes.

Quando Viv se aproximou da mesa que ele apontou, teve a forte impressão de que estava adentrando na toca de alguma fera anciã da floresta. Um texugo, talvez. Não se tratava de uma sensação de perigo, mas da impressão de que estava entrando em um lugar onde aquele homem passara tanto tempo que o ambiente tinha absorvido seu cheiro e se tornado essencialmente seu.

O sujeito até mesmo parecia um texugo, com uma longa e emaranhada barba preta e oleosa com alguns fios brancos. Grande e alto, ocupava tanto espaço entre a parede e a mesa que, quando respirou fundo, o móvel balançou.

— Ansom? — perguntou Viv.

Ele assentiu.

— Se importa se eu me sentar? — indagou ela.

Em seguida, se sentou sem esperar uma resposta, apoiando a Sangue-Preto nas costas da cadeira. Verdade fosse dita, Viv não estava acostumada a pedir permissão.

Ansom a observou com seus olhos inchados. Não de um jeito hostil, mas ressabiado. Um copo estava na mesa, quase vazio. Viv trocou um olhar com o atendente da taverna e fez um gesto para o objeto, e Ansom se animou, vultuoso.

— Agradecido — murmurou.

— Ouvi dizer que você é o dono daquele estábulo antigo lá na Pedra Vermelha. É verdade? — questionou Viv.

Ansom assentiu.

— Quero comprá-lo — declarou ela. — E tenho a sensação de que você talvez queira vendê-lo.

Por um instante, Ansom pareceu surpreso. Em seguida, apertou os olhos. Embora aparentemente o homem não levasse jeito para negócios, Viv tinha certeza de que o mesmo não se aplicava a regateio.

— Talvez — respondeu ele. — Mas é um imóvel de primeira linha. De primeira! Já recebi várias ofertas, mas a maioria delas não enxerga além da construção. É necessário considerar também o valor da *localização*. Ou seja, as propostas são bem abaixo do esperado.

Nesse ponto, o taverneiro chegou com um novo copo de cerveja, e ficou evidente que Ansom se entusiasmou com aquilo.

— Ah, sim, tantas ofertas vergonhosas... — continuou. — Devo avisar que sei muito bem o quanto vale aquela propriedade. Não consigo me imaginar vendendo-a para ninguém que não um homem de negócios sério. Hum... Ou uma *mulher* de negócios.

Viv abriu um sorriso grande e divertido, pensando em Laney.

— Bem, Ansom, há vários tipos de negócio — disse ela, muito consciente de que a Sangue-Preto estava às suas costas, e pensou em como seu trabalho (seu antigo trabalho) teria facilitado essa negociação. — Mas posso afirmar que, quando quero fazer negócios, eu *sempre* falo sério.

Ela pegou a sacola de couro, tirou a bolsinha de peças de platina e a ergueu. Retirando apenas uma, a segurou entre o polegar e o indicador, inspecionando-a e deixando a luz refletir no metal. Quase nunca se via moedas de platina em um lugar como aquele, e em breve Viv precisaria trocá-las por outras de valor mais baixo, mas queria ter algumas à mão para momentos como aquele.

Ansom arregalou os olhos.

— Ah, hum. Sério. Sim! Sério mesmo! — exclamou ele, tornando um longo gole da cerveja para disfarçar a surpresa.

Espertinho, pensou Viv, tentando não sorrir.

— De uma pessoa de negócios para outra, não quero desperdiçar seu tempo — declarou Viv, se apoiando em um dos cotovelos e deslizando oito peças de platina pela mesa. — Isso deve dar uns oitenta soberanos de ouro. Acho que cobre o valor da propriedade. Tenho certeza de que podemos concordar que a construção em si é perda total, e acho que as chances de outra... *mulher de negócios* procurar você e querer pagar em dinheiro vivo estão diminuindo.

Ela sustentou o olhar do homem.

Ansom ainda estava com o copo junto da boca, mas não estava bebendo.

Viv começou a recolher as fichas, mas o homem estendeu o braço, parando antes de encostar na mão dela, que era muito maior que a sua. Viv ergueu as sobrancelhas.

— Dá pra ver que você tem bom olho — comentou Ansom, piscando depressa.

— Tenho mesmo. Se quiser dar um pulinho lá para pegar a escritura e passá-la para mim, esperarei aqui. Mas só vou ficar até o meio-dia.

Por fim, Viv descobriu que o velho texugo era muito mais ágil do que parecia.



Viv assinou a escritura e pegou as chaves do lugar.

Ansom guardou o pagamento no bolso, aliviado com o fato de que o negócio estivesse concluído.

— Então... Não imaginei que você tivesse interesse em trabalhar num estábulo — comentou ele.

Todo mundo sabia que cavalos não gostavam muito de orcs.

— Não tenho — explicou Viv. — Na verdade, vou abrir uma cafeteria.

Ansom ficou perplexo.

— Mas então por que você compraria um estábulo? — perguntou ele.

Viv hesitou por um momento, e depois lançou-lhe um olhar intenso.

— As coisas não precisam continuar iguais para sempre.

Ela dobrou a escritura e a enfiou na sacola. Quando saiu, Ansom gritou:

— Ah, ei! O que, nos oito infernos, é uma *cafeteria*?



Viv tinha que parar em mais três lugares antes de voltar para o estábulo.

Depois de passar na loja de câmbio do centro comercial da cidade, sua bolsinha ficou recheada de peças de cobre, prata e ouro.

Em seguida, Viv foi até o ateneu na pequena universidade de taumaturgia que ficava à margem do rio. De qualquer maneira, já estava em seus planos descobrir onde ficava o lugar, para o caso de precisar pesquisar alguma coisa.

Além disso, em geral os correios ligavam os ateneus e as bibliotecas espalhadas na maioria das grandes cidades, e era um

serviço confiável. Os campanários de cobre que tinha visto a ajudaram a localizá-lo.

Sentada a uma das grandes mesas dos correios, Viv usou algumas folhas de pergaminho para escrever duas cartas. O cheiro de papel, poeira e coisas velhas a fez se lembrar de todas as vezes, nos últimos tempos, em que passara horas lendo em lugares como aquele.

Uma vida inteira exercitando os músculos, os reflexos e as estratégias trocada por leituras, planejamento e observação de detalhes. Com pesar, ela sorriu enquanto escrevia.

A gnoma no balcão carimbou as cartas com cera sem conseguir tirar os olhos de Viv. Ela teve que pedir os endereços duas vezes, de tão nervosa que estava por ver uma orc ali.

— Estou procurando um chaveiro. Você conhece alguém de confiança?

A gnoma ficou de boca aberta por mais um momento, mas então se recuperou e folheou uma pasta atrás do balcão.

— Markev e Filhos — respondeu. — Na ruela Pedreiro, número 827.

Em seguida deu algumas instruções vagas. Viv agradeceu e saiu.

O chaveiro estava no endereço, como esperado. Por uma peça de prata e três cobres, Viv saiu com um cofre enorme e bem pesado debaixo do braço musculoso.



Quando voltou ao estábulo, por volta do pôr do sol, Viv tirou o cadeado da porta menor, reforçou os portões do estábulo e escondeu o cofre atrás de um balcão em L no escritório. Guardou a escritura e seu dinheiro lá dentro, trancou e usou a chave como um pingente da corrente que usava no pescoço.

Depois de testar alguns pontos do assoalho com os pés e a ponta dos dedos, encontrou um paralelepípedo meio solto no

corredor das baías e, usando toda a sua força, conseguiu tirá-lo do lugar. Viv cavou a terra embaixo do piso e, com todo o cuidado, enterrou a Pedra Scalvert ali. Depois teve o cuidado de cobrir o artefato de novo, colocar o paralelepípedo no lugar e passar uma vassoura velha de palha na área para que parecesse tão suja quanto o restante.

Analizou a área por um tempo, todas as suas esperanças depositadas naquela pequena Pedra Scalvert, enterrada como um coração secreto no estábulo do Parkin.

Não, não era mais um estábulo.

Era algo dela.

Viv olhou em volta. O lugar era *dela*. Não era um hotel ou um espaço para abrir seu saco de dormir. Um lugar para chamar de seu.

O ar noturno fresco entrava pelo buraco do telhado, então, pelo menos por mais um dia, talvez fosse parecido com qualquer outra noite sob as estrelas. Viv olhou para o mezanino e a escada que levava até lá. Tentou pisar em um dos degraus, que se despedaçou. A orc bufou, soltou a Sangue-Preto e, com as duas mãos, jogou a espada no mezanino, assustando um bando de pombos que saíram voando pelo telhado. Olhou para cima por um tempo, e acabou esticando o saco de dormir em uma das baías. Com certeza não haveria uma fogueira, e nem sequer uma lamparina por ali, mas tudo bem.

Na luz fraca, em meio à poeira e aos excrementos de cavalo secos, Viv examinou o seu entorno. Não sabia muito sobre construção civil, mas dava para ver que o lugar precisava de uma boa reforma.

Mas, no fim de toda essa trabalhadeira... haveria algo que ela teria construído, em vez de destruído.

Era ridículo, com certeza. Abrir uma cafeteria numa cidade em que ninguém sabia o que era café? Até seis meses atrás,

nem *ela* tinha ouvido falar na bebida, nunca tinha experimentado seu sabor ou sentido seu aroma. À primeira vista, o plano era ridículo.

No escuro, Viv sorriu.

Quando por fim se deitou em seu saco de dormir, começou a listar as tarefas para o dia seguinte, mas não passou do terceiro item.

Dormiu feito pedra.

2



Viv acordou antes do amanhecer. O céu estava índigo, e a cidade aos poucos começava a despertar, com os murmúrios da atividade crescente. Os pombos arrulhavam no mezanino, de volta a seus ninhos. A orc se levantou e conferiu o paralelepípedo que escondia a Pedra Scalvert. Estava intocado, obviamente. Juntando algumas poucas coisas, saiu para a rua, mastigando os últimos biscoitos de água e sal e inspirando o cheiro úmido da manhã, o aroma das sombras que davam lugar ao sol. Sentia-se ágil e animada, como se estivesse na ponta dos pés, pronta para começar a correr.

Do outro lado da rua, Laney não varria a calçada. Em vez disso, estava sentada em um banquinho de três pernas, com uma tigela no colo, debulhando ervilhas. As duas trocaram acenos de cabeça amigáveis, então Viv trancou a porta e saiu em direção ao rio.

Enquanto caminhava, pegou-se cantarolando.



Em meio à névoa espessa da manhã, Viv foi até os estaleiros à margem do rio. Por lá, ribombava o barulho de martelos e

serras, junto de gritos abafados pela neblina. A orc sabia muito bem o que queria, mas não esperava encontrar de imediato. Sabia ser paciente. Em seu antigo ramo de trabalho, era preciso ter essa qualidade. Depois de longas horas explorando ou ficando à espreita no covil de uma fera, Viv fizera as pazes com a passagem do tempo.

Comprou algumas maçãs de um moleque ratoide que as vendia num saco de pano. Ali por perto, encontrou uma pilha de caixotes e se acomodou para observar.

Os barcos daquela região não eram grandes — em geral, tratava-se de barcos de quilha e de pesca menores, mais apropriados para circular pelo rio. Havia mais ou menos dez no cais comprido, sob os cuidados de carpinteiros navais que estavam raspando, pintando ou consertando as embarcações. A orc ficou observando o movimento dos trabalhadores, atenta ao que queria. Eles iam e vinham, às vezes mais ou menos ocupados, conforme a manhã avançava.

Ela estava na última maçã quando encontrou o que estivera procurando.

A maioria dos grupos vinha em dois ou três, sempre homens altos e fortes com vozes graves, escalando os cascos e gritando uns com os outros durante o trabalho.

Algumas horas depois, porém, um homem de estatura menor apareceu, carregando uma caixa de ferramentas de madeira que tinha quase metade de seu tamanho. Suas orelhas eram grandes; o corpo, magro e teso; a pele grossa; uma boina escondia a testa.

Hobs não eram vistos com frequência nas cidades. Os humanos os xingavam e os evitavam, então eram um povo que preferia ficar na sua.

Viv entendia bem. Mas definitivamente era mais difícil de ser intimidada.

Ele trabalhava sozinho num pequeno bote, e tanto os carpinteiros navais quanto os estivadores não se aproximavam. Viv ficou ali observando o trabalho diligente e cuidadoso do homem. Não era marceneira, mas apreciava a profissão. As ferramentas dele eram organizadas com meticulosidade, afiadas e bem-cuidadas. Ele usava movimentos contidos para dar forma a uma nova amurada, usando a faca de tanoeiro, o talhador e outros utensílios que Viv não reconheceu.

Ela terminou de comer a maçã e ficou observando-o trabalhar, tentando não chamar muita atenção. Afinal, ficar de tocaia era uma atividade a que a orc já estava acostumada.

Era meio-dia quando o hob guardou as ferramentas com cuidado e tirou uma marmita embrulhada da caixa de ferramentas. Viv se aproximou.

Por baixo da boina, a criatura estreitou os olhos para ela, mas nada disse quando a orc parou ao seu lado.

— Belo trabalho — comentou Viv.

— Hum...

— É o que eu acho, pelo menos. Não entendo muito sobre barcos — admitiu.

— Imagino que isso tire um pouco a força do elogio, então — respondeu ele, a voz seca e mais grave do que o esperado.

Ela riu, depois olhou para o cais.

— Não tem muita gente aqui trabalhando sozinho — observou Viv.

— Verdade.

— Você trabalha muito?

— O suficiente — respondeu o hob, dando de ombros.

— O suficiente para não querer trabalhar mais?

Ele tirou a boina, e seu olhar ficou mais interessado.

— Pra alguém que não entende muito de barcos, é estranho que você tenha tanto trabalho naval para oferecer.

Viv se agachou, cansada de olhar para baixo.

— Bem, você está certo — admitiu. — Essa não é a proposta. Mas madeira é madeira e trabalho é trabalho. Eu estava te observando... Quando a gente chega a uma certa idade, percebe que algumas criaturas são capazes de resolver qualquer problema se tiverem as ferramentas apropriadas. E eu nunca penso duas vezes antes de contratar esse tipo de sujeito.

Viv refletiu por um momento, e as ferramentas e os sujeitos de seu passado eram muito maiores e mais sangrentos.

— Hum — repetiu ele.

— Meu nome é Viv.

Ela estendeu a mão. A palma calejada dele foi engolida pela dela.

— Calamidade — disse ele.

Viv arregalou os olhos.

— Nome de hob — explicou. — Pode me chamar de Cal.

— Como preferir. Não preciso que use outro nome só para me agradar.

— Pode ser Cal mesmo. O nome inteiro é muito longo.

Ele voltou a cobrir o almoço, então a orc sentiu que tinha toda a atenção dele.

— Então, esse... trabalho. É uma oportunidade para aqui e agora ou...? — perguntou ele, gesticulando para sinalizar uma possibilidade futura.

— Aqui e agora, bem pago e com o material que você quiser, não os que eu escolher.

A orc pegou a bolsinha de dinheiro, abriu-a e retirou um soberano de ouro. Cal estendeu as mãos como se ela fosse lhe jogar a moeda, mas Viv a colocou em sua palma de forma cuidadosa e deliberada. O hob franziu os lábios e fez a moeda quicar na mão aberta.

— Então... Por que eu, exatamente?

Ele tentou devolver a moeda, que foi recusada.

— Como falei, fiquei vendo você trabalhar. Ferramentas afiadas. Área de trabalho limpa. E você se concentra na tarefa.

— Ela olhou em volta, indicando a ausência de outros trabalhadores por perto. — E faz isso mesmo quando alguns ousam dizer que seria mais sensato ficar de fora.

— Hum. Então você me escolheu pela minha falta de sensatez, é? E não são barcos que você quer construir. O que exatamente tem em mente?

— Acho que preciso te mostrar.



— *Escombros e estorvos* — xingou Cal, baixinho.

Ele tirou a boina e a enfiou no cós da calça.

Estavam parados do lado de fora do estábulo do Parkin, com os portões do lugar escancarados. Viv sentiu uma inquietação repentina.

— Não entendo muito de telhado — informou ele, olhando para o buraco.

— Mas pode aprender?

— Hum.

Viv já tinha entendido que aquilo valia como um “sim”.

Cal caminhou devagar pelo lugar, chutando os painéis das baias e pisando forte nos paralelepípedos do piso. Viv ficou tensa quando o sujeito passou por cima da Pedra Scalvert.

Ele olhou por cima do ombro para ela.

— Quantos você planeja contratar? — perguntou.

— Se tiver alguém com quem você gosta de trabalhar, não me oponho. Fora isso, estou à disposição e não me canso fácil. — Para demonstrar, ela ergueu as mãos. — Mas não é um estábulo o que eu quero.

— Não?

— Sabe o que é uma cafeteria?

Ele balançou a cabeça.

— Bem, preciso de um... um restaurante, acho. Só que para bebidas. Ah!

Ela foi até a sacola de couro e pegou alguns rascunhos e anotações. De repente, estava nervosa e não sabia explicar por quê. Viv nunca tinha se importado muito com as opiniões dos outros. Era fácil ignorar julgamentos alheios, já que era um metro mais alta e quarenta quilos mais forte do que a maioria das criaturas que encontrava. Mas, naquele instante, Viv temia que aquele hob achasse que era uma tola.

Cal estava esperando Viv continuar.

— Conheci café em Azimute, uma cidade gnômica no Território Leste — disse ela. — Eu estava lá por causa de um... Bem, não vem ao caso. Mas primeiro senti o cheiro, depois encontrei a loja, e eles faziam... Bem, é parecido com chá, mas diferente. O cheiro é como... — Ela hesitou. — Não importa, porque, de qualquer maneira, não vou conseguir descrever. Enfim, é como se eu quisesse abrir um bar, mas sem torneiras, barris nem cerveja. Só mesas, um balcão e um espaço nos fundos. Aqui, fiz alguns esboços do lugar que vi.

Viv mostrou os papéis e sentiu as bochechas começarem a corar. Patética!

Cal analisou os esboços, prestando muita atenção em cada traço, como se estivesse gravando cada linha na memória.

Depois de vários minutos agonizantes, ele devolveu os papéis.

— Os desenhos são seus? Nada maus.

Viv corou ainda mais.

— E você está planejando morar aqui também? — perguntou ele, apontando para o mezanino. — Pelo jeito, ali parece apropriado.

— Eu... pretendo, sim.

O hob colocou as mãos nos quadris e olhou para as baias. Antes, Viv desconfiou que ele fosse dar as costas e ir embora, mas estava começando a pensar que talvez tivesse feito a escolha perfeita.

— Bem... — começou Cal, dando mais uma volta no espaço. — Acho que você pode manter as baias. Cortar algumas delas. Arrancar as portas, acoplar nas paredes pra fazer bancos. Pegar algumas tábuas compridas e montar uns cavaletes no meio. Aí já teria alguns sofás e mesas nas laterais. Depois dá pra derrubar a parede do escritório. O balcão talvez sirva, se não estiver podre.

Cal chutou a madeira quebrada da escada e arqueou as sobrancelhas.

— Vai precisar de uma escada nova. Alguns sacos de pregos. Reboco. Telhas. Seixos. Cal. Talvez seja bom abrir mais algumas janelas. E... *muita* madeira.

— Então você topa?

Ele lhe lançou outro de seus longos olhares interessados.

— O que você disse mesmo? Que faço coisas quando parece mais sensato ficar de fora? Bem, se você vai ajudar, então sim. Me passa um pouco desse pergaminho e, se tiver, um carvão pra escrever. Vamos precisar fazer uma lista. Uma lista das *grandes*. Amanhã a gente pode ver se começa a fazer os pedidos e esvaziar essa sua carteira. — Pela primeira vez desde que se conheceram, Cal abriu um pequeno sorriso. — Não vai perguntar quanto vai custar?

— Você acha que já sabe?

— Acho que não.

— Bem, então pronto.

Viv puxou um caixote velho da parede, soprou a poeira e entregou a ele uma vareta de carvão.

Os dois se debruçaram sobre o pergaminho e Cal começou a escrever.



O hob foi embora no fim da tarde para terminar o trabalho no cais e prometeu voltar na manhã seguinte. Viv guardou a lista de materiais e ficou parada na quietude do estábulo, onde o suave ruído da rua mal parecia penetrar. Ela olhou para a varanda de Laney do outro lado da rua, mas a senhorinha não estava lá.

De repente, se sentiu muito sozinha, o que era estranho para Viv. Tinha se acostumado a passar muito tempo sem companhia, em longas caminhadas, acampamentos solitários, tendas frias e cavernas gotejantes. Mas, quando estava em cidades, quase nunca ficava sozinha. Tinha sempre alguém de seu grupo para fazer companhia.

Mas *naquela cidade*, cheia de criaturas de todas as espécies e antecedentes, a solidão era terrível. Viv conhecia apenas três pessoas pelo nome. Não eram mais do que conhecidos, embora Laney pelo menos parecesse amigável e Cal tivesse uma presença curiosamente calmante.

Ela trancou a porta e foi para o centro, na direção *contrária* do Beco do Osso Descarnado.

Acha que precisa de companhia? Bem, então tudo bem, aqui estamos. Um novo lugar. Um novo lar... desta vez para sempre.

Viv entrou no estabelecimento mais iluminado e barulhento que conseguiu encontrar, um restaurante e bar que parecia promissor, sem bêbados cambaleantes em frente nem poças de mijo na rua. Precisou se abaixar para entrar e, por um instante, o barulho do lugar diminuiu um pouco, mas Thune era bem cosmopolita e orcs não eram novidade ali, apenas um pouco incomuns. Em poucos instantes, as pessoas voltaram a conversar normalmente.

Ela respirou fundo e tentou relaxar o rosto numa expressão que não fosse ameaçadora, algo que andava praticando. Torcia

para que o fato de estar sem a espada nas costas e com roupas comuns ajudasse nisso.

Havia um balcão de bar longo e bem limpo, com algumas criaturas sentadas aqui e ali, e um espelho na parede dos fundos. Lâmparas cintilavam por todo o lugar. Não estava frio o suficiente para uma lareira, mas o ambiente estava caloroso mesmo assim.

As mesas estavam quase todas ocupadas. Viv puxou uma banqueta no balcão e tentou não ficar muito nervosa. Estava sem jeito — afinal, havia gente de mais, perto de mais. Além disso, pela primeira vez, não estava apenas de passagem. De repente, parecia que qualquer passo em falso ou tropeço naquele recinto poderia ficar marcado e envergonhá-la para sempre, antes mesmo que se instalasse direito naquela cidade, por mais irracional que fosse o pensamento.

Um homem de rosto redondo, bochechas vermelhas e orelhas um pouco pontudas se aproximou. Devia ser parte elfo, embora sua barriga indicasse um metabolismo bastante humano.

— Boa noite, senhora — disse ele, deslizando uma lousa de giz pequena com o cardápio para ela. — Vai comer ou beber?

— Vou comer — respondeu ela, sorrindo, tentando não mostrar muito as presas inferiores.

Ele não mudou a expressão. Apenas bateu um dedo no cardápio.

— A bisteca é ótima! — sugeriu o atendente. — Vou deixar você pensar um pouco. — E se afastou.

Quando o atendente voltou, minutos depois, a orc fez o pedido (a bisteca) e, enquanto esperava pela refeição, ficou olhando ao redor, refletindo um pouco. Viv não tinha ousado pensar tão grande antes, apenas de uma maneira bem abstrata, mas depois de ter contratado Cal... se permitiu sonhar um pouco.

A cafeteria que visitara em Azimute era a própria definição de arquitetura gnômica — azulejos perfeitos nas paredes, for-

mas geométricas por todo canto, até o piso do lugar era feito de bloquetes em padronagens intrincadas. A mobília, obviamente, era do tamanho certo para gnomos, então Viv precisou ficar de pé.

Ela sabia que sua cafeteria seria diferente, mas tentou fazer o exercício de torná-la real na cabeça. Observou a decoração do restaurante; uma pintura a óleo numa moldura dourada antiga aqui, um enorme vaso de cerâmica com samambaias para refrescar o ar ali. Um lustre simples, com três velas grandes, claramente trocadas com frequência, sem deixar pingos de cera.

Viv começou a imaginar a própria cafeteria. *Mais clara, pensou, com aquele teto alto de celeiro. Luz entrando pelas janelas altas.* Ela entendia a ideia de Cal de transformar as baias em sofás, mas talvez pudessem colocar outra mesa comprida no meio, com bancos, uma espécie de espaço comunitário.

Imaginou o lugar com os portões escancarados, talvez algumas mesas na entrada para pegar a brisa e o sol. Os paralelepípedos do chão brilhando. Paredes caiadas e limpas...

Seus pensamentos foram interrompidos pela refeição, o cheiro delicioso chegando primeiro. Foi quando descobriu que estava morrendo de fome.

— Antes de você ir, eu queria perguntar... — disse ela para o meio-elfo. — Você é o dono do lugar?

Surpreso, o meio-elfo arregalou os olhos. Em seguida, abriu um sorriso um pouco mais largo do que sua simpatia profissional de sempre.

— Sou, sim! Faz quatro anos agora.

— Se não se importa que eu pergunte... Como começou?

— Bem — falou ele, se apoiando no balcão —, não é um negócio de família, se é isso que está perguntando. E no começo com certeza não tinha esse ponto aqui na rua Principal — explicou, dando uma risadinha.

— E no começo o movimento era devagar? Ou veio todo mundo de uma vez? — perguntou, acenando para o ambiente.

— Ah, nossa, devagar. Muito devagar. Dá para dizer que perdi mais dinheiro do que podia... e depois um pouco mais. Mas, hoje em dia, perco apenas o *suficiente* para sobreviver. Está planejando abrir um bar por aqui? Não posso dizer que é algo que aconselho — brincou ele, dando uma piscadinha.

— Não exatamente, mas talvez algo parecido.

Ele pareceu surpreso, mas logo se recuperou.

— Bem, boa sorte para a senhora — falou por trás da mão, num falso sussurro. — Agradeço se não roubar meus clientes, viu?

— Acho que não há muita chance de isso acontecer.

— Bem, então tudo bem. Agora coma, ou vai esfriar.

Viv comeu a refeição em silêncio e não falou com mais ninguém. Ela saiu do bar pensativa. Encontrou uma loja ainda aberta, então comprou uma lamparina e voltou para o estábulo. Lá, deitou-se e ficou acordada, olhando para a chama. As visões do que aquele lugar um dia poderia ser estavam bem distantes do estábulo frio e abandonado em que dormia.

No dia seguinte, porém, o trabalho de verdade iria começar.



Fenômeno do TikTok, uma alta fantasia de baixíssimo perigo em que uma orc decide mudar de vida e encontra pelo caminho uma verdadeira família e um novo amor

Viv empunha sua poderosa espada pela última vez. A história de uma orc deveria se resumir a força e violência, mas ela está farta de travar batalhas e colecionar problemas. Por isso, decide colocar um ponto-final em suas aventuras sanguinárias e recomeçar a vida.

Levando uma pedra que carrega uma lenda esquecida, a orc decide ir para Thune, uma cidade que reúne criaturas de várias espécies e onde talvez exista uma misteriosa energia mágica. Lá, Viv decide abrir um estabelecimento nunca antes visto: uma cafeteria.

Mas começar um negócio é difícil — especialmente quando ninguém tem ideia do que é café. E, para piorar, há inimigos do complicado passado da orc que querem atrapalhar seus planos. Em meio ao aroma de café e às novas amizades — Cal, um hob de poucas palavras, Tico, um adorável ratoide padeiro, e Tandri, uma súcubo que mexe com seus sentimentos —, Viv finalmente sente que encontrou seu lugar. Mas ela vai precisar de ajuda para trilhar esse novo caminho...

Cativante e bem-humorado, *Cafés & Lendas* é uma leitura aconchegante que narra a importância das pequenas coisas da vida e mostra a magia dos momentos decisivos. Viv vai descobrir que as criaturas que encontra em sua jornada — sejam unidas por uma lenda antiga, doces deliciosos ou uma bebida quente — podem se tornar sua verdadeira família. E, quem sabe, uma delas até conquiste seu coração.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/cafes-lendas/>